



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VITÓRIA SALVI DALLA CORTE

**O ACERVO LITERÁRIO INFANTIL DA BIBLIOTECA DE UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DE ERECHIM/RS: ESTUDO DA OFERTA E ADEQUABILIDADE AOS
ESTUDANTES DE PRIMEIRO E SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ERECHIM
2025

VITÓRIA SALVI DALLA CORTE

**O ACERVO LITERÁRIO INFANTIL DA BIBLIOTECA DE UMA ESCOLA PÚBLICA
ESTADUAL DE ERECHIM/RS: ESTUDO DA OFERTA E ADEQUABILIDADE AOS
ESTUDANTES DE PRIMEIRO E SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

ERECHIM

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Corte, Vitória Salvi Dalla

O Acervo Literário Infantil da Biblioteca de uma Escola Pública Estadual de Erechim/RS: Estudo da oferta e adequabilidade aos estudantes de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental / Vitória Salvi Dalla Corte.

-- 2025.

f.

Orientador: Professor Doutor Roberto Carlos Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Erechim, RS, 2025.

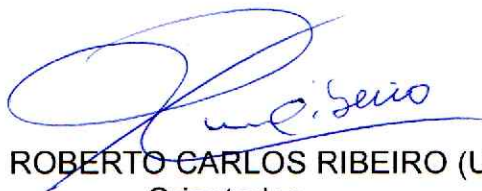
I. Ribeiro, Roberto Carlos, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

VITÓRIA SALVI DALLA CORTE

**O ACERVO LITERÁRIO INFANTIL DA BIBLIOTECA DE UMA ESCOLA
PÚBLICA ESTADUAL DE ERECHIM/RS: ESTUDO DA OFERTA E
ADEQUABILIDADE AOS ESTUDANTES DE PRIMEIRO E SEGUNDO ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira
Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado no dia 11 de julho de 2025.



Prof. Dr. ROBERTO CARLOS RIBEIRO (UFFS)
Orientador



Profª. Esp. ELIANE MARIA AGAZZI (SEDUC-RS)
Membro



Profª Ma. SILVÂNIA REGINA RELLENZ IRGANG (UFFS)
Membro

Dedico este trabalho a minha mãe, Solange
Salvi, que não mediu esforços para que eu
estivesse aqui e agora.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, meus agradecimentos são para o meu orientador Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro, que acreditou no meu potencial, mesmo passando por cima dos prazos e deixando tudo para última hora, muito obrigada. Não distante disto, agradeço a professora Eliane, minha colega de profissão e de nível, que me fez mudar o olhar para a alfabetização e, conseqüentemente, para com a Literatura Infantil. Agradeço ainda às professoras Teresinha Segatti Três e Anna Neis, que, durante o Curso Normal, me ensinaram a amar e compreender cada vez mais a área das linguagens. E por fim, a professora Silvana Regina, que para além de todo conhecimento agregado, me mostrou que a docência sem humanidade, se torna apenas disputa de ego.

Meus agradecimentos mais sinceros, não poderiam ser para ninguém além dela. Minha mãe não só me deu a vida, mas me fez VIDA. Ela tornou tudo mais leve, menos complicado, nada ficou fácil, mas ela descomplicou muita coisa. Não por menos, considerando que me criei com trabalho dobrado, fazendo papel de mãe e pai, com uma rede de apoio incrível, minha avó, meus tios Cenite e Joel e nossas vizinhas, Juraci, Alaídes, Janice, Fabiana, Fernanda e Emanuele. Meu irmão, nascido em 2010, veio para completar nossas vidas, foi meu incentivo por diversas vezes. Não sei o que ele pensa sobre o futuro, mas sei que mesmo ainda jovem, já sinto orgulho do homem que está se tornando.

Não distante disto, minha avó foi a força que faltava, várias noites perguntava à minha mãe se eu havia ido para a aula e quando eu ligava para elas em um horário que deveria estar em aula, me questionava o motivo, caso não fosse convincente, não acreditava. Uma noite, ela gravou um áudio, no início da faculdade ainda, falando “estuda que tu vai bem, não te bobeie” e foi isso que, naquele momento, eu precisava ouvir, saber que ela acreditava nisso, que ela merecia ver mais um neto se formando na universidade, mas não somente, e sim, em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Por fim, ao meu companheiro Ricardo, que esteve presente desde o início, aguentando noites de choro, reclamações e idas até a UFFS para me buscar sempre que necessário, muito obrigada.

**Toda criança é feita de um pouco de poesia, de um pouco de sonho e de um
tanto de esperança.**

— *Cora Coralina*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, teve origem no encantamento da autora pelos livros desde a infância e em sua vivência como professora das séries iniciais. A pesquisa foi realizada na biblioteca de uma escola pública estadual de Erechim/RS, com o objetivo de analisar se o acervo literário infantil disponível atende de forma adequada os alunos de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental. Este trabalho representa, também, um convite à reflexão sobre como esse espaço é utilizado e como pode se tornar ainda mais presente no cotidiano escolar, caso haja a valorização necessária vinda dos órgãos governamentais. O estudo buscou compreender não apenas quais obras estão disponíveis, mas também como são organizadas, emprestadas, utilizadas pelos professores e se há propostas de atividades que incentivem a leitura. Foram consultados autores como Zilberman, Candido e Abramovich, entre outros. Consultou-se, também, leis e regulamentos sobre livro, leitura e biblioteca, como Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL/2011). Foram investigadas: a história da biblioteca, a forma como os livros chegam até ela e o papel das políticas públicas nesse processo. O contato com a literatura desde a infância estimula a imaginação, a linguagem, a criatividade e o gosto pela leitura, utilizando uma abordagem exploratória, combinando pesquisa bibliográfica e documental, sendo assim uma pesquisa quali-quantitativa. Os resultados da pesquisa indicam que, mais do que um espaço físico, a biblioteca precisa ser vivenciada pelas crianças. Ao longo da pesquisa, constatou-se que a biblioteca escolar pode ser um espaço mágico e transformador, desde que conte com um acervo variado, acessível e adequado à realidade dos estudantes.

Palavras chave: Biblioteca escolar, estudantes, políticas públicas, literatura, escola pública.

ABSTRACT

This study stems from the author's longstanding affection for books, nurtured since childhood, and her professional experience as a teacher in the early years of elementary education. The research was conducted in the library of a state public school in Erechim, Rio Grande do Sul, with the objective of analyzing whether the available children's literary collection adequately serves the needs of 1st and 2nd grade students. Beyond a descriptive inquiry, this work invites reflection on the role of the school library—how it is currently used, and how it might become a more integral and dynamic part of the school's daily routine, particularly if supported by appropriate governmental policies and recognition. The study sought to examine not only the titles available in the collection, but also their organization, accessibility, how they are borrowed, their pedagogical use by teachers, and the presence of reading-promotion activities. The research draws on theoretical contributions from authors such as Zilberman, Candido, and Abramovich, among others, as well as legal and institutional frameworks related to books, reading, and libraries, including the National Book and Reading Plan (PNLL). The investigation explored the history of the school library, the processes through which books are acquired, and the influence of public policies on these dynamics. Early contact with literature plays a crucial role in fostering imagination, language development, creativity, and a lifelong appreciation for reading. In this sense, the library should be understood not merely as a physical space, but as a living, engaging environment in the educational experience of children. The findings indicate that, when equipped with a diverse, accessible, and age-appropriate collection, the school library has the potential to become a transformative and inspiring space for young learners.

Keywords: School library, students, public policies, literature, public school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PERCURSO METODOLÓGICO	11
2 A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	13
2.1. PROCESSOS NECESSÁRIOS PARA A EXISTÊNCIA DA BIBLIOTECA.....	15
2.2. A ESCOLA PESQUISADA.....	18
2.3. A BIBLIOTECA PESQUISADA.....	19
3. A LITERATURA INFANTIL NAS SÉRIES INICIAIS	21
3.1. IDENTIFICANDO UMA OBRA LITERÁRIA INFANTIL	24
4. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO DIREITO.....	27
4.1. O ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA.....	28
4.2. ANÁLISE DO ACERVO	35
4.3. UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO DE RETIRADA	36
4.4. ADEQUABILIDADE DO ACERVO LITERÁRIO AOS ESTUDANTES E PROFESSORES DO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho desenvolveu análise do acervo literário da biblioteca de uma escola pública estadual do município de Erechim/RS, com o intuito de analisar a oferta e a adequabilidade do acervo literário infantil da biblioteca que é destinado aos alunos de primeiro e segundo ano das séries iniciais. Teve como objetivos principais abordar e historicizar a relação biblioteca, educação e escola (leis, projetos, regulamentos da construção, uso e processos de aquisição de livros pelas escolas em suas bibliotecas), bem como pesquisar o número de bibliotecas e livros distribuídos pelo governo estadual, historicizar a biblioteca utilizada para a pesquisa (desde quando ela existe, qual o seu acervo, como que os livros chegam ali). Levantar o arquivo de literatura infantil da biblioteca (títulos, autores, ano, faixa etária), pesquisar o controle desses livros (como os alunos tiram esses livros: tem fichas, controle digital), como a biblioteca propõe, se é que propõe, atividades para os alunos e, também, como os professores utilizam a biblioteca e seu acervo.

Antes mesmo de aprender a ler ou de começar a frequentar a escola, os livros já exerciam um fascínio sobre mim. Eu me encantava com as cores das capas, os desenhos das ilustrações e até com o cheiro do papel. Era mágico folhear as páginas, mesmo sem entender as palavras, e imaginar o que aquelas letras poderiam estar contando.

Lembro-me de sentar ao lado de algum adulto, como minha mãe ou avó, e pedir que lessem para mim. Enquanto elas liam, eu acompanhava atentamente, tentando adivinhar como aquelas figuras e frases se conectavam para criar as histórias. Às vezes, eu pegava um livro sozinha e inventava histórias a partir das imagens, como se já estivesse entrando naquele universo.

Os livros sempre pareceram ter vida própria, como portais para outros mundos. Mesmo sem saber ler, eu sentia que havia algo especial neles, algo que me chamava e que eu mal podia esperar para desvendar por conta própria.

Aos poucos, fui aprendendo a ler e ficava fascinada ao abrir um livro e descobrir um mundo novo em cada página. Era como se, ao virar as folhas, eu pudesse viajar para lugares mágicos, conhecer personagens incríveis e viver aventuras que pareciam reais.

A biblioteca da escola era, sem dúvida, um dos meus lugares favoritos. Ela tinha algo de mágico, com suas estantes altas e cheias de histórias esperando para serem

descobertas. O silêncio do lugar fazia parecer que os livros cochichavam segredos, apenas esperando que alguém os abrisse. Eu adorava passar um tempo ali, explorando cada canto, lendo títulos e escolhendo cuidadosamente o próximo livro que me acompanharia.

Cada escolha era um momento especial. Eu segurava os livros nas mãos, admirava as capas e lia as primeiras linhas para decidir qual história me chamava mais atenção. Era como se cada livro tivesse algo único para me oferecer. Foi assim, entre prateleiras e páginas, que a literatura entrou em minha vida e nunca mais saiu.

Hoje, concluindo o curso de pedagogia e já trabalhando em sala de aula como docente de primeiro ano das séries iniciais, percebo que muitas crianças têm a mesma admiração e curiosidade que eu tinha pelos livros. Consigo compreender como a literatura infantil pode influenciar no processo de aprendizagem, na criatividade, na desenvoltura, na comunicação e na socialização dos estudantes.

Portanto, a presença de uma biblioteca escolar com acervo variado, de qualidade e adequado a cada ano é de extrema valia e importância para o incentivo à leitura, visto que por meio desse espaço, o professor pode explorar diversas alternativas metodológicas para trabalhar a literatura com as crianças.

É a partir do meu relato que justifico o tema deste trabalho. Acredito ser essencial analisar a oferta e a adequabilidade do acervo literário infantil da biblioteca de uma escola pública estadual de Erechim/RS destinado aos alunos dos dois primeiros anos das séries iniciais, pois dessa forma será possível pensar metodologias diversificadas de trabalho e driblar os desafios que nós, professores, podemos encontrar no uso do espaço da biblioteca, bem como do acervo oferecido por ela.

Esta monografia é composta pelos seguintes capítulos: 1) Percurso metodológico: é descrito como foi efetuada a pesquisa e a escrita do trabalho em questão; 2) A biblioteca escolar: nele exemplifica-se o funcionamento de uma biblioteca, de forma ideal e também, a realidade da escola pesquisada; 3) A Literatura Infantil nas Séries Iniciais: neste são trazidos aspectos sobre a Literatura Infantil, como deve ser abordada, como é classificada, entre outros aspectos fundamentais; 4) A biblioteca escolar como direito: Aqui consta os exemplares e a análise do acervo literário.

1. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo configura-se, por sua natureza, como uma pesquisa básica, uma vez que seu objetivo principal é ampliar o conhecimento teórico sobre o tema em análise. Busca-se aprofundar a compreensão de conceitos e relações que contribuem para o entendimento da problemática investigada, sem, contudo, ter como foco direto a aplicação prática imediata (Gil, 2008).

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o tema, identificar problemas relevantes e levantar hipóteses. De acordo com Gil (2008, p. 41), "as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas à formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores".

O estudo adota uma abordagem quali-quantitativa, integrando métodos qualitativos e quantitativos de análise. Qualitativa, porque focaliza a interpretação dos dados obtidos a partir de fontes documentais e bibliográficas, buscando compreender o contexto e os significados relacionados ao objeto de estudo. Quantitativa porque envolve a coleta e análise de dados numéricos, quando aplicável, para identificar padrões, frequências ou relações específicas, utilizando instrumentos como questionários, gráficos ou estatísticas descritivas (Lakatos e Marconi, 2003).

Creswell (2007) destaca que a combinação de abordagens contribui para uma análise mais rica e integrada: "A pesquisa mista fornece uma melhor compreensão do problema de pesquisa do que qualquer abordagem isolada, porque integra diferentes perspectivas, combina forças das abordagens qualitativas e quantitativas e fornece uma compreensão mais completa (p. 203)".

Já os procedimentos teóricos combinam pesquisa bibliográfica e documental. Bibliográfica porque será feita uma revisão sistemática de obras, artigos acadêmicos, teses, dissertações e outras publicações relevantes ao tema, a fim de fundamentar teoricamente o estudo. Para Lakatos e Marconi (2003, p. 183):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Esse tipo de pesquisa é indispensável quando o objetivo é desenvolver e fundamentar teorias, além de ser uma etapa essencial em qualquer projeto de pesquisa.

E o trabalho também será pautado na pesquisa documental, pois a mesma se caracteriza pela análise de documentos oficiais, relatórios institucionais, legislações, atas, entre outros materiais que contribuam para a contextualização do objeto de pesquisa. Sobre isso, Bardin (2016, p. 88) afirma: "Os documentos são fontes inesgotáveis de dados e, quando bem interpretados, podem revelar aspectos históricos, culturais ou sociais que, de outra forma, seriam difíceis de acessar".

Sendo assim, em um primeiro momento, foi feito um levantamento teórico para a seleção e análise de materiais bibliográficos e documentais pertinentes ao tema. Essa etapa é fundamental para a compreensão e aprofundamento da importância do tema de pesquisa.

A coleta dos dados foi feita em uma escola pública estadual da cidade de Erechim/RS, mais precisamente na biblioteca da escola, por meio do levantamento das obras ofertadas aos alunos de primeiro a terceiro ano do ensino fundamental.

A biblioteca em questão, está sem um bibliotecário responsável, portanto, todo acervo que foi adquirido pela escola, ou teve entrada pelos programas dos governos federal e estadual, não está devidamente registrado no sistema da biblioteca tem algum tempo, sendo assim, a pesquisa demandou horas de catalogação e organização de livros, para que os dados coletados fossem distribuídos em uma planilha contendo o título das obras, autor, editora, ano e gênero literário. Dessa forma, é possível uma melhor visualização e análise do acervo atual, presente nessa biblioteca, mesmo que este não esteja registrado, de fato.

E a análise desses dados será realizada a partir de um estudo aprofundado do acervo, observando a quantidade de livros oferecidos, a qualidade dos mesmos, os gêneros literários ali presentes e a adequação dessas obras ao primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental.

2 A BIBLIOTECA ESCOLAR

Segundo Zilberman (2003), a criança que desenvolve o hábito da leitura desde os primeiros anos de vida e mantém contato contínuo com a literatura se beneficia de várias maneiras importantes para sua formação integral. Isso inclui aprimorar seu aprendizado, melhorar a pronúncia das palavras, fortalecer a conexão com os sentimentos e aprimorar a comunicação com os outros. A biblioteca escolar é essencial para a promoção de leitura crítica e formação cidadã (Candido, 2004).

No entanto, para aproveitar todos esses benefícios, é essencial que o processo de alfabetização seja bem-sucedido. Nesta fase desafiadora da educação básica, o apoio constante, o incentivo e o uso de recursos adequados são fundamentais para formar leitores críticos e engajados (Solé, 2008).

As bibliotecas escolares desempenham um papel crucial no processo de alfabetização das crianças. Principalmente nas séries iniciais, quando as descobertas são constantes, a mudança de ambiente e o contato com o mundo mágico dos livros despertam um interesse especial pela cultura letrada. Por isso, as bibliotecas nas escolas são essenciais antes, durante e após o processo de alfabetização (Eduvirges, 2012).

Como discutido, é fundamental ter uma biblioteca na escola desde a Educação Infantil para garantir que o processo de alfabetização, iniciado nessa fase, continue de forma bem-sucedida nas séries seguintes do Ensino Fundamental. Isso porque a literatura é uma parte essencial do desenvolvimento e do acesso dos alunos à cultura.

No entanto, as bibliotecas nas escolas são mais do que apenas um local para leitura; elas oferecem uma verdadeira aproximação dos alunos com a literatura, incluindo histórias orais, cantigas de roda e parlendas – versos infantis que fazem parte de nossa tradição cultural (Solé, 2008; Eduvirges, 2012). A biblioteca escolar deve ser compreendida como um núcleo vital dentro da escola, responsável por articular práticas de leitura, produção de sentidos e acesso democrático ao conhecimento. Mais do que um espaço de armazenagem de livros, é ali que a criança vivencia experiências estéticas, lúdicas e cognitivas fundamentais para sua formação. Como afirmam Bordini e Aguiar (1988), a biblioteca é “espaço de formação do gosto,

do hábito e da sensibilidade do leitor”, sendo indispensável na consolidação de um projeto pedagógico que valorize a leitura literária desde os primeiros anos escolares.

Nesses ambientes, conforme expõe Campello (2003), os educadores podem usar a literatura não apenas como uma ferramenta para ensinar conteúdos, mas também como um meio de estimular a imaginação das crianças, ajudando-as a expandir suas referências e utilizar a fantasia para entender e interagir com o mundo.

Atividades realizadas fora da sala de aula, como visitas a laboratórios ou à quadra, geralmente despertam maior interesse nos alunos. O mesmo acontece com as visitas à biblioteca escolar (Campello, 2003). Durante a alfabetização, esse espaço pode ser aproveitado para aumentar o entusiasmo dos alunos pela leitura.

É importante que essas atividades sejam agradáveis e não excessivamente restritivas. Embora o educador deva direcionar os conteúdos de acordo com a faixa etária e a fase de alfabetização da criança, é valioso dar aos pequenos a liberdade de explorar os livros na biblioteca e escolher aqueles que mais os atraem. Essa abordagem faz parte do processo de incentivo à leitura. Deve-se deixar que o aluno escolha um livro não apenas por seu tamanho, mas também por suas imagens interessantes ou por abordar um tema que ele goste (Zilberman, 2003).

Segundo Certeau (1994), o ato de ler é um gesto de apropriação criativa do texto, em que o leitor, ao seu modo, recria e ressignifica o que lê. Quando a criança tem acesso a uma biblioteca rica, diversa e estimulante, ela pode explorar os livros de forma autônoma, selecionar aquilo que lhe desperta interesse e construir, aos poucos, sua identidade leitora. Essa liberdade, mediada pelo educador, é essencial para que a leitura se torne um hábito prazeroso, e não uma obrigação escolar. Nesse sentido, Lerner (2002, p.29) destaca que:

O desafio que devemos enfrentar, nós que estamos comprometidos com a instituição escolar, é combater a discriminação desde o interior da escola; é unir nossos esforços para alfabetizar todos os alunos, para assegurar que todos tenham oportunidades de se apropriar da leitura e da escrita como ferramentas essenciais de progresso cognoscitivo e de crescimento pessoal.

Para isso, é necessário que o ambiente escolar ofereça um acervo literário de qualidade, que contemple autores contemporâneos, clássicos da literatura infantil,

produções regionais e obras que dialoguem com as múltiplas infâncias, culturas e linguagens.

Com o tempo, o hábito da leitura se tornará cada vez mais presente na vida do estudante. Quanto mais ele avança no processo de alfabetização, mais descobertas e aprendizados ele terá. Por isso, a biblioteca é o espaço ideal para estimular o gosto pela leitura e complementar o trabalho de alfabetização na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

2.1. PROCESSOS NECESSÁRIOS PARA A EXISTÊNCIA DA BIBLIOTECA

Em uma biblioteca tradicional, a presença do bibliotecário é essencial para incentivar a leitura, trabalhando junto aos professores. Para que uma biblioteca escolar seja eficaz no desenvolvimento da leitura, é necessário que três elementos estejam integrados: bibliotecários, livros e usuários. O bibliotecário tem a função de organizar o espaço, orientar os usuários e promover a leitura por meio de atividades como contação de histórias, teatro e exposições. A importância do bibliotecário vai além da gestão da biblioteca, pois ele também é responsável por incentivar a leitura e tornar os livros uma parte essencial da formação de leitores. Embora os livros digitais tenham sua importância, os livros físicos ainda têm um charme que não pode ser substituído, como cita Abramovich (1997, p.18) “Ler um livro é um encontro. E esse encontro se dá com o livro como objeto também: a capa, as páginas, as ilustrações, o jeito de manusear. Isso tudo compõe o prazer da leitura”, para a autora, o livro é um objeto mágico. Ele tem cheiro, tem textura, tem peso. O livro físico proporciona uma experiência tátil e afetiva que nenhuma tela substitui.

Do ponto de vista legal, o Brasil vem avançando em políticas públicas voltadas para o fortalecimento da leitura nas escolas. Além da Lei nº 12.244/2010, que estabelece a obrigatoriedade de bibliotecas em todas as instituições de ensino, destaca-se o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), instituído pelo Decreto nº 7.559/2011, que busca promover a democratização do acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas. Também é importante citar a Lei nº 13.696/2018, que criou a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), reconhecendo o acesso ao livro como um direito de todos e integrando ações entre educação, cultura e desenvolvimento social.

Mais recentemente, a Lei nº 14.837/2024 passou a instituir diretrizes específicas para o acervo literário na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa legislação reconhece a importância da presença de obras de literatura infantil em consonância com a faixa etária das crianças, assegurando a representatividade de temas como diversidade, ancestralidade, oralidade e ludicidade, elementos essenciais para que a criança se reconheça nas histórias que lê ou escuta.

A biblioteca escolar deve ser um ambiente acessível e comprometido com a formação de leitores, e os bibliotecários necessitam ser criativos para motivar os alunos. Além disso, a participação da família é fundamental no processo de incentivo à leitura. O bibliotecário, como mediador entre alunos, professores e pais, tem um papel fundamental na formação de leitores. A presença do bibliotecário é imprescindível para o bom funcionamento das bibliotecas escolares. "As bibliotecas escolares só funcionam adequadamente com a presença de bibliotecários qualificados" (Cunha, 2010, p. 45). No entanto, quando se trata da biblioteca em questão, não há bibliotecário ou algum responsável em específico pela organização, seleção e catalogação do acervo, portanto, há dificuldade para basear as pesquisas acerca do assunto, como também a retirada de livros e atividades que poderiam ser promovidas por um profissional da área.

Atualmente, as bibliotecas escolares no estado do Rio Grande do Sul vêm enfrentando uma série de obstáculos que comprometem sua capacidade de cumprir seu papel pedagógico e cultural nas instituições de ensino. Entre os principais desafios, destaca-se a escassez de profissionais da Biblioteconomia, cuja presença é fundamental para a organização, mediação e dinamização dos serviços oferecidos por esses espaços. Embora não exista uma política governamental explícita voltada à extinção da profissão, a ausência de bibliotecários em escolas públicas tem se tornado um problema recorrente, evidenciando negligência por parte do poder público.

Mesmo em escolas que possuem bibliotecas fisicamente estruturadas, a inexistência de profissionais qualificados resulta frequentemente em espaços subutilizados ou até mesmo fechados, o que impede crianças e adolescentes de acessarem recursos essenciais à formação crítica, à leitura e à construção do conhecimento (Rodrigues; Santos, 2022). Esse cenário reflete uma contradição grave: enquanto a legislação educacional brasileira reconhece o papel central das bibliotecas escolares, na prática encontram-se fragilizadas por políticas públicas insuficientes.

A Lei Federal nº 12.244/2010 estabelece que todas as instituições de ensino do país devem dispor de bibliotecas com acervo compatível ao número de alunos e com a presença de, pelo menos, um bibliotecário responsável, devidamente registrado no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). O prazo estabelecido para o cumprimento total dessa meta foi de 10 anos, encerrando-se, portanto, em 2020. Contudo, passados mais de dez anos da promulgação da lei, inúmeros estados e municípios ainda não atenderam plenamente às suas exigências (Brasil, 2010). No caso do Rio Grande do Sul, observa-se que o Estado falhou em realizar concursos públicos suficientes para suprir a carência desses profissionais nas escolas estaduais, comprometendo o cumprimento da legislação vigente.

A inexistência de concursos públicos específicos para bibliotecários escolares é agravada pela falta de valorização institucional desses profissionais. Essa negligência se traduz em precarização das bibliotecas e na ausência de políticas voltadas à manutenção, expansão e qualificação dos acervos e serviços oferecidos. Estudos demonstram que bibliotecas escolares bem estruturadas, com bibliotecários atuantes, têm impacto direto no desempenho dos estudantes, na promoção da leitura crítica e na formação de hábitos culturais duradouros (Santos; Lima, 2021).

Ainda que alternativas tenham sido discutidas, como a criação de cargos técnicos em Biblioteconomia ou a designação de professores para atuarem nas bibliotecas, essas soluções não garantem o cumprimento legal da função, nem asseguram a qualidade do serviço prestado. De acordo com a Lei nº 4.084/1962, regulamentada pelo Decreto nº 56.725/1965, apenas o profissional bibliotecário, com formação superior específica e registro no CRB, está legalmente habilitado para exercer funções técnicas nas bibliotecas (Brasil, 1962; 1965). A designação de profissionais de outras áreas, sem a formação exigida, caracteriza desvio de função e compromete a efetividade das ações educativas nas bibliotecas escolares (Martins; Souza, 2019).

A ausência de políticas públicas efetivas para fortalecer as bibliotecas escolares também se relaciona a uma concepção limitada de educação, na qual o investimento em espaços culturais e informacionais ainda é visto como secundário. Tal concepção ignora o papel estratégico que as bibliotecas desempenham na democratização do acesso à informação, na formação cidadã e no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Como argumenta Freire (1982), o ato de ler o mundo precede o ato

de ler a palavra; nesse sentido, a biblioteca é um espaço simbólico de leitura do mundo, onde o estudante pode ampliar sua visão de si, do outro e da sociedade.

É, portanto, essencial que o governo estadual do Rio Grande do Sul repense suas estratégias de gestão da educação pública, priorizando o fortalecimento das bibliotecas escolares por meio de políticas de contratação, formação e valorização dos bibliotecários. A criação de planos estaduais de leitura, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), pode ser uma das alternativas para integrar as bibliotecas às metas educacionais mais amplas (PNLL, 2011). Além disso, a implementação de programas de formação continuada para os profissionais da educação, incluindo os bibliotecários, contribuiria para o fortalecimento do papel pedagógico desses espaços.

Em síntese, sem a presença de bibliotecários qualificados, as bibliotecas escolares não conseguem cumprir integralmente sua função social, pedagógica e cultural. A ausência desses profissionais não é apenas um problema administrativo, mas representa uma grave violação do direito à educação de qualidade. A escola pública precisa ser um ambiente onde o conhecimento seja acessível, plural e democrático — e a biblioteca escolar é um elemento essencial para essa construção.

2.2. A ESCOLA PESQUISADA

A escola a que pertence a biblioteca, está localizada na zona urbana do município de Erechim, no norte do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. Erechim tem forte base econômica na indústria, seguida pelo comércio, setor de serviços e pela agricultura familiar, destacando-se como um polo regional com significativa diversidade social e cultural. Fundada em um contexto histórico de imigração e desenvolvimento ferroviário, a cidade abriga uma população economicamente ativa, e sua estrutura produtiva impacta diretamente o perfil das famílias e dos estudantes da instituição. A escola recebe alunos oriundos de bairros próximos, do interior do município e de cidades vizinhas, refletindo uma comunidade escolar plural, com predominância de famílias com escolaridade de nível médio.

A filosofia educacional da instituição está voltada para a formação ética, cidadã e crítica dos estudantes, incentivando a autonomia, o pensamento reflexivo e a valorização das diferenças. O espaço escolar é entendido como ambiente de construção do conhecimento, de diálogo e de formação humana integral. Atualmente, a escola

conta com cerca de 1.125 estudantes matriculados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, atendidos por um corpo docente de 51 professores e 13 funcionários técnico-administrativos. Também oferece atendimento educacional especializado em sua Sala de Recursos Multifuncional, para estudantes com deficiência visual, intelectual e transtornos do desenvolvimento.

A infraestrutura é ampla e adequada: dispõe de diversos espaços como biblioteca, laboratórios de ciências e informática, auditório moderno, refeitório, ginásio de esportes, parque infantil, além de salas climatizadas e equipadas com projetores. A segurança é reforçada por um sistema de monitoramento por câmeras, e os ambientes são bem cuidados, com ênfase na limpeza e conservação, promovendo um ambiente acolhedor e respeitoso para toda a comunidade escolar.

Com um projeto pedagógico comprometido com a qualidade da educação, a escola participa ativamente de avaliações externas, incentivando a responsabilidade e o envolvimento de professores, estudantes e famílias no processo ensino e de aprendizagem.

2.3. A BIBLIOTECA PESQUISADA

A Biblioteca Escolar desempenha um papel central no processo educativo, indo muito além de ser um espaço de empréstimo de livros. Ela é um ambiente acolhedor, dinâmico e formativo, pensado para ser um verdadeiro centro de apoio pedagógico e de construção do conhecimento, em consonância com as diretrizes educacionais da escola e do Regimento Escolar, conforme aprovado pelo Parecer CEE/RS nº 551/2012.

Integrada ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, a biblioteca atua em parceria com professores e estudantes, disponibilizando materiais que enriquecem o currículo, ampliam o acesso à informação e estimulam o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a formação integral do educando. Sua missão é contribuir para o pleno desenvolvimento do estudante, preparando-o para o exercício da cidadania, para o mundo do trabalho e para a convivência ética e democrática, conforme definido nas finalidades da educação básica.

Além disso, a biblioteca tem a importante função de democratizar o acesso ao conhecimento em suas múltiplas formas de registro — livros, periódicos, documentos, jornais e revistas — favorecendo tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o gosto

pela leitura. Por meio de um acervo diversificado, a biblioteca oferece aos alunos oportunidades para pesquisar, criar, refletir e se encantar com o universo literário, científico e cultural.

As atividades que eram desenvolvidas pela bibliotecária eram amplas e cuidadosamente planejadas. Elas abrangiam o atendimento aos usuários — com orientação, promoção da leitura e organização de eventos culturais — bem como as atividades técnicas de seleção, aquisição, registro, classificação, catalogação, conservação e ampliação do acervo. Esse trabalho assegurava que os materiais estivessem sempre atualizados, em bom estado e acessíveis a toda a comunidade escolar.

A biblioteca, portanto, não é apenas um suporte, mas um espaço vivo de formação e transformação, onde o estudante é incentivado a ser protagonista de sua própria aprendizagem. Ao estimular a leitura crítica e o pensamento reflexivo, ela fortalece os princípios fundamentais da escola: a construção de uma sociedade mais justa, humana, democrática e inclusiva. Essa abordagem está alinhada à filosofia da instituição, que defende a educação como ferramenta de transformação social, fundamentada na ética, no respeito às diferenças e na valorização da diversidade. O Regimento Escolar da escola reforça esses princípios, prevendo a atuação da biblioteca como elemento estratégico na consolidação de um ambiente educativo comprometido com o desenvolvimento integral dos estudantes (CEEEd/RS, Parecer nº 551/2012), portanto, mais uma vez, é perceptível o quanto uma escola tem a perder quando o trabalho do bibliotecário não é devidamente reconhecido pelo sistema de ensino.

Na biblioteca em questão, há alguns anos, mais especificamente desde 2019, não há nenhum profissional responsável pelo recebimento e catalogação dos exemplares, bem como organização e retirada dos livros. Antes deste ano, a função era desenvolvida por uma funcionária em desvio de função, que não era contratada para estar lá, mas o fazia de bom grado. A partir desta questão, pode-se perceber que não é de hoje que o problema existe, o descaso com a educação pública e principalmente com uma educação de QUALIDADE é extremamente frequente e presente no estado do Rio Grande do Sul.

3. A LITERATURA INFANTIL NAS SÉRIES INICIAIS

Nas primeiras séries do Ensino Fundamental, é essencial que a leitura seja apresentada de maneira atrativa, para que os alunos desenvolvam o gosto por ela e carreguem esse hábito ao longo de suas vidas. Cabe ao professor explorar a leitura de forma divertida, utilizando jogos, dramatizações, atividades criativas e outras estratégias lúdicas que despertem a imaginação e incentivem o interesse das crianças pela leitura.

A literatura infantil permite que as crianças mergulhem em universos imaginários, contribuindo para seu desenvolvimento e ajudando-as a entender melhor a sociedade em que estão inseridas.

Conforme explica Pinto (2010, p. 12):

A literatura infantil possui um papel importantíssimo na vida da criança, já que possibilita a oportunidade de conviver e viver o imaginário, fornecendo uma visão original à criança. Ao ler, a mesma adquire um conhecimento do real e também do não-real. A partir do contato com livros literários, seja com pequenas gravuras ou com textos simples ou mais sofisticados, a criança pode criar o seu próprio mundo, vivenciando seus sonhos e fantasias e conhecendo mais a si mesma e ambiente que a cerca.

Outrossim, a criança pode aprimorar suas habilidades sensoriais, motoras, intelectuais e psíquicas, ampliando seu contato com as palavras, o que contribui para um melhor desenvolvimento da escrita e da leitura. Cabe ao professor escolher cuidadosamente os materiais a serem utilizados em sala de aula, a fim de estimular e aperfeiçoar a prática da leitura entre os alunos.

Gonçalves (2013) entende que oferecer à criança o acesso ao fascinante mundo da leitura é uma das principais funções da escola. Isso pode ser feito por meio de clássicos infantis, contos, lendas, anedotas, quadrinhos e muitos outros tipos de textos. Para que isso aconteça, é essencial que os professores atuem como mediadores entre os alunos e o universo literário, incentivando-os a se apaixonar pelo mundo da fantasia e, assim, expandindo sua imaginação.

Existem diversas maneiras de motivar a criança a desenvolver o gosto pela leitura e criar o hábito de ler. Uma delas é ser um bom contador de histórias, pois as crianças se encantam com a maneira como o professor conta, com a entonação de

sua voz, seus gestos, expressões faciais e as emoções que ele transmite, como risos ou choros. Esse envolvimento faz com que, mais tarde, as crianças tentem imitar o professor, recriando a mesma maneira de contar histórias (Dias, 2010).

O primeiro passo para formar o hábito de leitura é oferecer textos que estejam próximos da realidade do leitor e que façam sentido para ele. Quando há essa conexão entre o aluno e a obra, a disposição para ler é naturalmente estimulada, o que leva ao prazer pela leitura. Isso ocorre porque o aluno só desenvolverá habilidades de leitura se, antes de tudo, tiver o hábito de ler.

Pinto (2010, p. 13) corrobora acrescentando:

A variedade de materiais oferecidos para os alunos deve estar de acordo com a necessidade que cada professor observa e, também, seguir os objetivos já propostos pela escola. Esta variedade acompanha o nível dos alunos, pois independente da idade e série, todas as formas de leitura poderão ser utilizadas, tais como: oral, desenho, dramatizações, mímica, entre outras. Isto é, deve-se buscar a diversidade literária.

É fundamental, em conformidade com Kaercher (2024), que os educadores selecionem leituras adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos, utilizando diversos tipos de materiais, mas prestando atenção à complexidade da linguagem e aos temas abordados nos textos. Além disso, é essencial incentivar a criatividade, permitindo que os alunos produzam seus próprios textos e se tornem leitores não apenas de obras prontas, mas também de suas próprias criações. Essa prática contribui significativamente para o aprimoramento de suas habilidades de escrita.

Ainda segundo a mesma autora, é igualmente importante que os professores promovam o contato dos alunos com os livros, mesmo quando ainda não dominam completamente a leitura. Essa interação desperta a curiosidade e estimula o desejo de explorar o conteúdo escrito, fomentando o interesse e a motivação para aprender a ler, porém não é qualquer livro que possa ser apresentado às crianças, visto que muitos são livros DE crianças e não PARA crianças. Nem todo texto que lemos é um gênero literário. Muitos outros gêneros discursivos diferentes estão presentes. Às vezes, nos deparamos com algo que nos informa, como uma notícia; outras vezes, com algo que nos explica, como um texto científico. Mas e quando um texto nos faz imaginar, emocionar, refletir ou até mesmo enxergar o mundo de outro jeito? Aí estamos diante da literatura.

Uma obra literária se diferencia por usar a linguagem de forma artística. Ela não tem como único objetivo informar, mas sim provocar sentimentos, despertar reflexões e oferecer diferentes formas de ver a realidade. Como explica Jakobson (1960), esse gênero textual dá destaque à forma como a mensagem é construída. Na literatura, a linguagem deixa de ser simples e passa a ser protagonista. As palavras são escolhidas com cuidado, muitas vezes com poesia, metáforas, comparações e sons que criam ritmo. É por isso que um poema ou um romance pode nos marcar para sempre, mesmo sem trazer nenhuma “informação prática”. A intenção é artística, estética. O autor quer nos fazer sentir, imaginar, lembrar. Além disso, a estrutura ajuda a identificar se estamos diante de uma obra literária. Romances, contos, poemas e peças de teatro têm suas formas próprias. Um conto, por exemplo, costuma ter poucos personagens, um enredo rápido e um final surpreendente. Já a poesia pode não contar nenhuma história, mas trabalha com emoções e imagens poderosas em poucos versos. Outro ponto importante é o contexto. A literatura não surge do nada, ela reflete a época em que foi escrita, mesmo que de forma simbólica. Os textos literários carregam as ideias, os medos, os desejos e as lutas de seu tempo. Por isso, ler uma obra literária também é uma forma de conhecer a história e a cultura de um povo.

Por fim, a literatura resiste ao tempo. Muitas obras continuam sendo lidas, estudadas e discutidas anos ou até séculos depois de escritas. Isso acontece porque elas tocam em algo que é universal e humano: nossas emoções, dúvidas e experiências.

Em meio à diversidade textual que nos cerca diariamente — notícias, manuais, artigos científicos, redes sociais — surge uma pergunta fundamental: o que faz de um texto uma obra literária? Embora a linguagem seja o instrumento comum entre os diversos tipos de texto, a literatura se destaca por tratar essa linguagem como matéria artística. Identificar uma obra literária não é apenas reconhecer um gênero textual, mas compreender seu papel cultural, sua estrutura e, sobretudo, sua intenção estética e expressiva.

Além disso, a intencionalidade do autor é essencial para distinguir a literatura de outros gêneros. Enquanto textos jornalísticos ou técnicos têm como objetivo informar, instruir ou convencer, os textos literários geralmente buscam provocar emoções, reflexões ou uma imersão no mundo simbólico. Mesmo quando se baseiam na realidade, fazem-no de modo criativo, muitas vezes ficcional, com liberdade estética. A

subjetividade é um traço marcante da obra literária — ela expressa visões de mundo, sentimentos e ideias de forma particular.

Outro aspecto fundamental é o contexto histórico e cultural da obra. Obras literárias dialogam com o tempo em que foram produzidas, ainda que o façam por meio de metáforas, alegorias ou fantasias. Como produto cultural, a literatura registra as angústias, os valores, os conflitos e os sonhos de uma sociedade. Por isso, ao identificar uma obra literária, também se observa seu lugar na história da literatura e sua inserção em movimentos estéticos (como Romantismo, Realismo, Modernismo etc.).

Por fim, a recepção da obra também ajuda na sua identificação. Obras literárias costumam ser analisadas criticamente, estudadas em escolas e universidades, adaptadas para outras mídias e reeditadas ao longo do tempo. Esse reconhecimento social e cultural é parte do que as define como literatura, embora não seja o único critério.

Identificar uma obra literária vai além de reconhecer um texto como “bonito” ou “emocionante”. Trata-se de perceber seu uso artístico da linguagem, sua intencionalidade estética, sua estrutura formal e seu contexto cultural. A literatura é uma forma de conhecimento que não se limita à objetividade, mas que se aventura pelo território da imaginação, do simbólico e do humano. Por isso, reconhecê-la é também exercitar o olhar sensível e crítico diante da linguagem e da vida.

3.1. IDENTIFICANDO UMA OBRA LITERÁRIA INFANTIL

A literatura infantil é primordial no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Uma de suas características mais marcantes é a valorização do universo simbólico do faz-de-conta, elemento intrínseco à infância. Como afirma Abramovich (1997), a criança é, por natureza, fantástica e simbólica; ela compreende o mundo por meio de imagens, metáforas e jogos de imaginação. Por isso, os livros infantis frequentemente apresentam personagens fantásticos, mundos encantados e situações inusitadas que, embora aparentemente desconectados da realidade, são profundamente enraizados nas emoções e nos dilemas humanos.

A fantasia na literatura infantil vai muito além do mero entretenimento. Ela cumpre uma função simbólica essencial ao permitir que a criança elabore seus medos, ansiedades, desejos e dúvidas. Bruno Bettelheim (2018), em sua obra clássica *A*

psicanálise dos contos de fadas, defende que essas narrativas simbólicas ajudam a criança a processar conteúdos emocionais complexos de forma segura. Segundo ele, “os contos de fadas transmitem, de forma velada, verdades profundas sobre a vida e sobre o enfrentamento de conflitos internos” (Bettelheim, 2018, p. 17). Assim, o contato com o maravilhoso permite à criança experimentar, em um ambiente protegido, diferentes formas de ser, agir e sentir.

Além disso, a literatura infantil de qualidade não se caracteriza pela explicitude, mas pela abertura interpretativa. Um bom texto literário não entrega todos os significados de forma direta. Ele instiga, provoca e convida à reflexão. Eco (1994) chama isso de “obra aberta”: uma obra que oferece múltiplas possibilidades de leitura e interpretação. Esse é o caso de muitos livros infantis que, ao serem relidos em diferentes momentos, revelam novos sentidos e camadas de significado. Como explica Zilberman (2003), a literatura infantil bem construída permite ao leitor um contato estético com o texto, no qual se fundem emoção e pensamento, jogo e conhecimento.

Outro aspecto relevante é a relação entre texto e imagem. Na literatura infantil, a ilustração não é mero adorno: ela dialoga com a narrativa verbal, amplia sentidos e contribui para a construção do enredo. Nikolajeva e Scott (2006) destacam que a interação entre palavra e imagem nos livros ilustrados cria uma narrativa híbrida, em que o visual complementa ou tensiona o verbal, desafiando o leitor a construir sentidos a partir desse jogo multimodal. Para crianças em fase de alfabetização, esse diálogo entre linguagens é especialmente poderoso, pois facilita a compreensão e estimula a imaginação.

Muitos livros destinados ao público infantil assumem um caráter didático, tentando ensinar valores ou comportamentos. No entanto, o livro literário faz isso de maneira sutil, por meio da experiência estética. A moral, quando presente, não aparece de forma impositiva, mas surge das vivências dos personagens, do desenrolar da trama e das emoções despertadas no leitor. Nunes (2011) ressalta que a literatura educa não por prescrição, mas por comoção; é pela empatia que ela forma. Isso significa que a aprendizagem na literatura se dá mais pela experiência estética do que pela instrução direta.

A escolha dos livros infantis deve considerar a qualidade literária e estética da obra, o respeito à inteligência e sensibilidade da criança, e o cuidado editorial com o texto e a imagem. Autores consagrados como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Eva

Furnari e Ricardo Azevedo têm se destacado por criar narrativas que respeitam o imaginário infantil e oferecem experiências ricas de linguagem e pensamento. Além disso, editoras especializadas, como Companhia das Letrinhas, Brinque-Book e Pulo do Gato, geralmente apresentam maior rigor na curadoria dos livros que publicam, garantindo a qualidade do material oferecido.

Reconhecer uma obra literária infantil de qualidade vai muito além de observar a faixa etária indicada. Exige atenção ao modo como o texto interage com a criança, como estimula sua imaginação, como a convida a refletir sobre si mesma e o mundo ao seu redor. Como afirma Coelho (2000), a verdadeira literatura infantil é aquela que fala à criança com respeito, com beleza e com profundidade. Mesmo quando simples na forma, a boa literatura infantil é complexa no conteúdo, e suas marcas podem acompanhar o leitor por toda a vida — muitas vezes sendo compreendidas em sua totalidade apenas na vida adulta.

É justamente por isso que a literatura infantil merece ser valorizada e defendida como um componente essencial da formação integral da criança. Por meio dela, a infância encontra espaço para sonhar, sentir, imaginar e compreender o mundo em suas múltiplas possibilidades.

4. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO DIREITO

A trajetória das bibliotecas escolares no Brasil é marcada por um esforço contínuo para garantir o acesso ao conhecimento e à leitura como direito de todos os estudantes. Mais do que uma meta institucional, construir e manter bibliotecas escolares é um compromisso com a formação integral de sujeitos críticos, criativos e autônomos. Como defende Candido (2004), “a literatura humaniza”, pois nos torna mais sensíveis à dor do outro, atentos à beleza e à complexidade da vida. Assim, o acesso à literatura deve ser tratado como um direito — tão essencial quanto qualquer outro.

Essa caminhada histórica começa com as primeiras iniciativas do Instituto Nacional do Livro, criado em 1937, e se consolida com políticas públicas mais estruturadas, como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), instituído oficialmente em 1985. O programa, até hoje um dos maiores sistemas de distribuição de livros do mundo, tem como missão garantir que todos os alunos da educação básica tenham acesso gratuito a livros didáticos, literários e materiais pedagógicos. Seu alcance é vasto: contempla desde a educação infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA), respeitando as especificidades de cada fase.

O PNLD não se resume à entrega de livros. Ele envolve uma rigorosa curadoria feita pelo Ministério da Educação (MEC), com a participação de universidades e especialistas, assegurando que as obras estejam alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos princípios de diversidade, inclusão e valorização cultural. Como aponta o relatório da Abrelivros (2024), só em 2023, o PNLD distribuiu 102,5 milhões de exemplares a 30,7 milhões de estudantes, o que representa 81% das matrículas na rede pública de educação básica. Desse total, 28,5 milhões eram livros literários, com investimento de R\$ 332 milhões. Esses números expressam mais que estatísticas — revelam um compromisso concreto com o direito à leitura.

Complementando o PNLD, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997 com o objetivo de reforçar a presença da literatura no ambiente escolar. Em 2005, o PNBE foi universalizado, garantindo que todas as escolas públicas recebessem acervos com cerca de 20 títulos literários. Em 2008, passou a incluir também as etapas da educação infantil e do ensino médio. Em anos mais recentes, a fusão das ações do PNBE com o PNLD fortaleceu ainda mais a política de acesso ao livro nas escolas (Serviços e Informações do Brasil, 2024).

O amparo legal às bibliotecas escolares também avançou significativamente. Como citado, a Lei nº 12.244/2010 determinou que todas as instituições de ensino do país devem possuir biblioteca, com um acervo mínimo de um título por aluno matriculado (BRASIL, 2010). Já a Lei nº 14.837/2024 criou o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE), com o objetivo de articular os esforços entre União, estados e municípios para o fortalecimento desses espaços de leitura e conhecimento.

Ainda assim, a realidade brasileira é desafiadora. Dados da Atricon (2023), baseados no Censo Escolar, apontam que apenas 48% das escolas públicas contam com bibliotecas ou salas de leitura. Apesar disso, houve avanços importantes: entre 2022 e 2023, mais de 23 mil escolas passaram a dispor desses espaços, beneficiando cerca de 27,2 milhões de estudantes. Esses números indicam que o país caminha, ainda que lentamente, para a concretização de um direito previsto em lei.

Contudo, bibliotecas não se constroem apenas com livros. São espaços vivos, dinâmicos e afetivos. Como observa Zilberman (2003), a leitura precisa ser mediada — ela exige contexto, estímulo e afeto. Nesse sentido, o papel do bibliotecário é indispensável. Corrêa et al. (2002) defendem que esse profissional deve ser visto como um educador, responsável por promover o encontro entre leitor e texto, organizando atividades de incentivo à leitura e formação de leitores. Campello (2003, p.29) complementa: “a função educativa da biblioteca escolar no Brasil é decisiva para o aprimoramento da qualidade da educação”, sendo necessária sua integração ao projeto pedagógico da escola.

Portanto, investir em bibliotecas escolares é investir em cidadania. Trata-se de uma decisão política e pedagógica que ultrapassa os muros da escola. É garantir que cada criança, em qualquer canto do país, possa se reconhecer nas histórias que lê, encontrar consolo e inspiração nos livros, e, acima de tudo, formar-se como sujeito de direitos, capaz de transformar o mundo à sua volta.

4.1. O ACERVO LITERÁRIO DA BIBLIOTECA

Na tabela (1) a seguir, estão dispostos os livros disponíveis para retirada e leitura no local, tanto para estudantes de primeiros e segundos anos, como para suas respectivas professoras. Relembra-se que as obras listadas são as disponíveis no momento da pesquisa, podendo haver exemplares faltantes, pelo fato de estar em domínio dos professores para contação de histórias e retirada dos estudantes.

Tabela 1: Livros disponíveis para retirada e leitura no local

Título	Autor(a)	Ano	Faixa Etária	Temática Principal
A Casa Sonolenta	Audrey Wood (texto) Don Wood (ilustração)	1984 (no Brasil desde 1996)	3 a 6 anos	Repetição, ritmo acumulativo e despertar para o novo
A Cuca de Batom que Dançava Balé	Luciene Tognetta	2016	6 a 8 anos	Medo, superação, criatividade
A eleição na selva	Sandrine Dumas Roy	2019	6 a 9 anos	Cidadania, ética, respeito às diferenças
A História de Emília	Monteiro Lobato (adapt.)	1931	6 a 10 anos	Imaginação, aventura e crítica social
A Menina que Inventava Nomes	Alex Lutkus	2017	7 a 10 anos	Criatividade, linguagem e formação de identidade
A Nuvem que Não Queria Chover	Michele Iacocca	2017	4 a 7 anos	Descoberta de si, ciclo da chuva e conexão com a natureza
A Pequena Sereia	Hans Christian Andersen (Quentin Gréban adap.)	1837 (adapt)	A partir de 6 anos	Amor, sacrifício e identidade
A predileta do poeta	Glauco Mattoso	2012	7 a 12 anos	Afeto entre criança e seu cachorro, memória afetiva sob forma poética
Abraço de pelúcia e mais poemas	Marta Lagarta	2012	5–9 anos	Poesia infantil, afetividade, temas do universo infantil
Abrasasasplim	Flávia Savary	2000	5 a 8 anos	Magia, imaginação

Achei!	Ângela Lago & Zoé Rios (il. Ângela Lago)	2012	5 a 7 anos	Leitura lúdica: jogo de palavras, suspense e descoberta no esconde-esconde textual
Adivinha quanto eu te amo	Sam McBratney	1996	1 a 8 anos	Amor afetivo entre pais e filhos em linguagem poética
Amendoim	Eva Furnari	2007	3 a 7 anos	Narrativas visuais, imaginação e sensibilidade estética
Bammm! A banda mais monstruosa do mundo	Alex Lutkus	2019	7 a 9 anos	Popularidade, empatia, desafios escolares
Bruna e a galinha d'Angola	Gercilga de Almeida (il. Valéria Saraiva)	2009	4 a 8 anos	Mitologia africana, ancestralidade, cooperação comunitária
Cadê o Rato?	Bia Villela	2011	3 a 6 anos	Descoberta, observação, linguagem visual
Cantigamente	Leo Cunha (il. Marilda Castanha e Nelson Cruz)	2012	7 a 10 anos	Poesia, trava-línguas e memórias: brincadeiras linguísticas e afeto familiar
Chapeuzinho amarelo	Chico Buarque (il. Ziraldo)	1970	5 a 10 anos	Medo infantil, superação, jogo de palavras
Chora Não	Telma Guimarães	2001	4 a 7 anos	Emoções, autoestima
Ciranda das vogais	Zoé Rios (il. Sandra Lavandeira)	2011	5 a 7 anos	Letras, formação de sílabas, brincadeiras linguísticas
Ciranda do ABC	Phillis Reily	2009	3 a 6 anos	Alfabetização lúdica: rimas, jogos de linguagem, ritmo e exploração sensorial
Construindo um Sonho	Guto Lins	2005	5 a 8 anos	Construção, projeto de vida

Desejos de Criança	Roseana Murray	2004	4 a 7 anos	Sonhos, infância, sentimentos
Dragão dos meus sonhos	Cecília Pereira Neves	2009	6 a 10 anos	Fantasia, sonhos e simbolismo do dragão
E o dente ainda dói	Ana Terra	2012	4 a 7 anos	Dor de dente, trabalho em grupo, cultura popular e números
É um livro	Lane Smith	2010	4 a 8 anos	Relação da criança com objetos digitais versus livros físicos, humor inteligente
Era uma vez 1,2,3	Alison Jay	2006	2 a 5 anos	Exploração do mundo por meio de contagem e descobertas sensoriais
Esperando a chuva	Véronique Vernet	2014	4 a 8 anos	Espera, adaptação e cooperação: reflexão sobre a seca e ações coletivas frente à natureza
Estou sempre mudando	Bob Gill	1971 (com edições mais recentes)	3 a 7 anos	Opostos, mudanças do cotidiano e identificação infantil
Eu Quero um Dinossauro	José Carlos Andrés	2015	4 a 6 anos	Desejo infantil, aprendizados sobre paciência e realismo
Fantasia!	Mary França & Eliardo França	2018	5 a 7 anos	Imaginação, humor visual e textual
Flic, o Porco-Espinho	Özge Bahar Sunar	2021	6 a 9 anos	Superação de limitações, autoestima e expressão de talentos
Flicts	Zirardo	1969	4 a 8 anos	Identidade, diferença, busca por pertencimento
Grande pequeno	Blandina Franco	2011	3 a 5 anos	Diferenças entre ser grande ou pequeno; valorização de pequenos momentos do cotidiano

Lila e o segredo da chuva	David Conway	2010	5 a 7 anos	Resiliência diante da seca, conexão com a natureza
Lorotas e Fofocas	Lúcia Hiratsuka	2014	6 a 8 anos	Boatos, convivência
Mapa de sonhos	Uri Shulevitz	2009	7 a 8 anos	Imaginação como refúgio da guerra e esperança por meio de mapas
Meu crespo é de rainha	Bell Hooks	2018	3 a 10 anos	Autoestima, orgulho dos cabelos crespos, identidade afro
Meu nome é tartaruga	Ricardo Azevedo	1999	6 a 8 anos	Autoestima, convivência e respeito entre personalidades animais
Meu Primeiro Maluquinho em Quadrinhos	Ziraldo	2013	6 a 10 anos	Aventuras cotidianas, humor e linguagem gráfica do icônico “Menino Maluquinho”
Minha vó sem meu vô	Mariângela Haddad	2015	5 a 9 anos	Amor entre idosos, memória e esquecimento
Não fui eu!	Donaldo Buchweitz	2021	4 a 9 anos	Honestidade, humor e trocadilhos
Não Fui Eu!	Daniel Fehr	2020	6 a 9 anos	Confusão de responsabilidade, narrativa divertida e ilustração lúdica
Nícolas	Agnès Laroche	2013	6 a 9 anos	Imaginação, autoconfiança e aceitação: superpoderes internos versus simples ser quem se é
Nina	David Ausloos	2006	5 a 9 anos	Identidade, autoconhecimento e filosofia infantil
O Distraído Sabido	Ana Maria Machado	2024	6 a 10 anos	Atenção à diferença, observação do mundo e valorização da singularidade

O Gentileza Gerou Genti- leza	Eliana Martins	2007	6 a 8 anos	Gentileza, valores humanos
O Jacaré Bile	Alessandra Ros- coe	1997	6 a 9 anos	Diversidade, tolerância e res- peito às diferenças
O Leão e o Ca- mundongo	Jerry Pinkney	2013	7 a 9 anos	Amizade, gratidão e solidarie- dade
O Menino Marrom	Ziraldo	1986	3 a 9 anos	Diversidade, identidade e amizade entre crianças de tonalidades diferentes; questiona ideias sobre cor e pertencimento
O Menino que Virou Escritor	Ana Maria Machado	2001	6 a 8 anos	Biografia ficcional de José Lins do Rego, foco em infância rural, imaginação e escrita.
O Rabo do Gato	Mary França	2018	3 a 7 anos	Amizade, cotidiano, linguagem
O Rio Amazonas	Sangma Francis (trad. Eduardo Reis Silva)	2021	7 a 9 anos	Biodiversidade, geografia e cultura da Amazônia
O saco	Ivan Zigg	2008	8 a 12 anos	Mistério, curiosidade e humor: um tamanduá encontra um saco e outros animais tentam descobrir seu conteúdo
O Urso e o Piano	David Litchfield	2017	4 a 8 anos	Música, amizade, sucesso e saúde
O velho e a mosca	Bel Barcellos	2012	5 a 9 anos	Amizade inusitada, envelhecimento, humor rimado
O violino	Carolina Michelini	2013	4 a 7 anos	Música, descoberta de instrumento, curiosidade e perseverança

Palavras, palavrinhas e palavrões	Ana Maria Machado	2018	5 a 8 anos	Brincadeiras linguísticas, poder das palavras e autocontrole
Para aqueles que querem voar	Pirkko Vainio	2018	6 a 8 anos	Autoconhecimento, relações humanas, poesia em prosa
Piquenique do Catapimba	Ruth Rocha	1992	7 a 9 anos	Amizade, convivência e colaboração
Por que Mentira Tem Perna Curta?	Luiz Ruffato	2010	6 a 8 anos	Mentira, ética
Pula boi	Marilda Castanha	2012	6 a 9 anos	Cultura popular e folclore (festa do Boi-Bumbá), curiosidade e pertencimento
Quando Estela era muito, muito pequena	Marie-Louise Gay (trad. Gilda de Aquino)	2010	5 a 10 anos	Relação entre irmãos; dinâmica de ajuda, paciência e amor fraternal
Quando nasce um monstro	Sean Taylor	2009	4 a 8 anos	Nomear emoções através de humor e repetição
Quando você não está aqui	Maria Hergueta (trad. Márcia Leite)	2017	4 a 7 anos	Relação entre irmãos, ciúmes e solidão; convívio familiar
Quem tem medo de lobo?	Fanny Joly	2006	4 a 8 anos	Coleção que aborda os medos infantis
Quem tem medo do novo?	Ruth Rocha	2015	5 a 8 anos	Enfrentar o medo do desconhecido e mudanças
Sombra	Suzy Lee	2018	3 a 6 anos	Brincadeiras com luz e sombra, imaginação a partir de elementos visuais simples
Surpresas!	Mary França & Eliardo França	1998 (edição original)	3 a 7 anos	Diversão, surpresa, estrutura repetitiva
Tantos Barulhos	Heloisa Prieto	2003	4 a 7 anos	Sons, sensações, cotidiano

Tarsila, menina pintora	Lúcia Fidalgo	2009	7 a 8 anos	Biografia ilustrada de Tarsila do Amaral; artes plásticas e história brasileira
Travatrovas	Ciça (Cecília Whitaker Vicente...)	2023	6 a 8 anos	Poesia, trava-línguas, jogos de linguagem, diversão, família e escola
Uxa, ora fada, ora bruxa	Sylvia Orthof	1985 (1ª ed)	6 a 9 anos	Personagem híbrida entre fada e bruxa, questionando dualidades do bem e do mal
Vai e vem	Laurent Cardon	2014	3 a 7 anos	Aventuras e emoções (ondas do mar)

Fonte: elaborada pela autora.

4.2. ANÁLISE DO ACERVO

Partindo da tabela acima, pôde-se obter dados quantitativos do acervo literário infantil até 8 anos de idade. Para que esses livros fossem listados, foram necessárias várias horas de pesquisa presencial, visto que não há uma fonte oficial.

Em uma biblioteca infantil de acervo mediano é possível sentir o encanto e a limitação coexistindo. Há uma seleção de clássicos — como Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof e Monteiro Lobato — que trazem magia, humor e identificação para muitas crianças. No entanto, a falta de obras que reflitam realidades diversas (como famílias plurais, crianças com deficiência, ou comunidades negras e indígenas) pode fazer com que alguns pequenos leitores se sintam invisíveis. Pesquisas da UNESP mostram que essa ausência prejudica a autoestima e a construção da identidade entre crianças negras, já que a presença de personagens pretos é essencial para a autoestima e a vivência de uma criança preta perante a sociedade.

Outro ponto que marca esse acervo é a condição física dos livros. Frequentemente, eles apresentam páginas amareladas ou encadernações frágeis — o que pode dificultar a interação dos pequenos. Afinal, para leitores que ainda se alfabetizam, “livros com conteúdo atrativo” e aparência convidativa fazem toda a diferença no engajamento. Um livro surrado ou pouco convidativo tende a ser ignorado, por mais que o conteúdo seja valioso. Considerando importante colocar que, alguns

exemplares “novos” são disponibilizados apenas para os professores, para que não haja “deprecação”.

Mas é na mediação que esse acervo mediano encontra sua força principal. Quando educadores, bibliotecários e gestores promovem contações, diálogos, rodas de leitura e debates, os livros deixam de ser meros objetos e se tornam experiências vivas. Essa prática favorece não só o prazer da leitura — transformando-a em atividade prazerosa e crítica — como também fortalece a habilidade de reflexão e expressão das crianças. No entanto, como já citado, não é o que ocorre neste espaço. E, por mais que os docentes tentem realizar propostas lúdicas e dinâmicas, a falta de um responsável por organizar o acervo dificulta, e muito, as opções que seriam viáveis na sua existência.

O acervo conta com livros, em sua maioria, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e alguns exemplares, comprados com verba própria da escola. É importante citar que há nesta mesma biblioteca, inúmeros outros livros doados pelos estudantes, mas que, em sua maioria, são apenas de histórias infantis e não considerados como literários, ainda, não menos importante, reitera-se a existência de livros literários que não foram listados, por não constarem no sistema ou estar em meio aos não-literários.

Portanto, o acervo é, de certa forma, abrangente ao primeiro e segundo ano, considerando que estas turmas, têm acesso a plataformas digitais de leitura, a biblioteca nem sempre se faz presente da forma que deveria, caso houvesse um profissional que a transformasse em um local convidativo aos pequenos leitores.

4.3. UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO E ORGANIZAÇÃO DE RETIRADA

A retirada de livros na biblioteca escolar deve ser concebida como parte integrante do processo formativo do leitor, valorizando tanto a organização institucional quanto o prazer e a autonomia da criança na escolha do que deseja ler. Esse momento, longe de ser um simples ato burocrático, pode tornar-se uma rica oportunidade pedagógica, afetiva e simbólica. Para tanto, é necessário que a escola desenvolva uma rotina de empréstimo que alie controle responsável do acervo a práticas educativas que fortaleçam o vínculo da criança com os livros.

Segundo Delia Lerner (2002), a leitura na escola deve ser abordada como um direito de todos, e não como privilégio de poucos. Assim, permitir que cada criança

leve um livro para casa, escolhido por ela dentro de um acervo qualificado, é uma maneira concreta de democratizar esse direito. O processo deve começar com a orientação dos alunos sobre o funcionamento da biblioteca e o cuidado com os livros, mas sem rigidez excessiva ou punições em caso de perdas ou danos. Como lembra Fanny Abramovich (1997), a relação da criança com a leitura deve ser construída com afeto, e não com medo ou obrigação.

É fundamental que a biblioteca disponha de um sistema de controle simples e eficiente. Pode-se utilizar fichas individuais, cadernos de controle ou até ferramentas digitais como planilhas ou softwares gratuitos (como o Biblivre), desde que estejam acessíveis à equipe pedagógica e bibliotecária. Cada retirada deve ser registrada com as informações básicas: nome do aluno, título do livro, data de empréstimo e data prevista para devolução. Um prazo de sete a quatorze dias costuma ser adequado para que a criança tenha tempo de explorar o livro com calma, inclusive com o apoio da família em casa.

Como aponta Teresa Colomer (2007), a escolha do livro deve respeitar os interesses e a curiosidade do leitor iniciante. Por isso, é essencial garantir que a retirada aconteça em um ambiente acolhedor, em que o aluno possa explorar livremente o acervo, folhear os livros e decidir qual deseja levar — muitas vezes atraído por uma imagem, título curioso ou temática que lhe desperta interesse. Essa liberdade controlada fortalece o vínculo com a leitura e contribui para a formação de um leitor autônomo e crítico.

O momento da devolução, por sua vez, não deve ser apenas um ato técnico, mas sim uma oportunidade de partilha. Os educadores podem conversar brevemente com os alunos sobre suas leituras: o que mais gostaram, se indicariam o livro para alguém, que emoções sentiram. Tais práticas ajudam a consolidar a memória afetiva com a leitura e estimulam a oralidade e a expressão de ideias. Projetos como “Leitor do Mês”, “Diário do Leitor” ou a “Sacolinha da Leitura” — em que os livros vão para casa com bilhetes convidando a família a ler junto — podem enriquecer ainda mais essa experiência.

Por fim, vale ressaltar que o processo de retirada de livros é mais eficaz quando envolve toda a comunidade escolar. A gestão da biblioteca deve ser compartilhada por bibliotecários, professores e equipe pedagógica, criando uma cultura de leitura que ultrapasse as paredes da sala de aula. Como defende Paulo Freire (1989), educar

é um ato coletivo, e a leitura é um poderoso instrumento de libertação e diálogo com o mundo.

Dessa forma, organizar a retirada de livros na biblioteca escolar não se resume a criar regras, mas a construir, com cuidado e sensibilidade, uma ponte entre o livro e o leitor, entre a escola e a vida, entre o texto e o afeto.

Na biblioteca em questão, não há uma regra para a retirada de livros, sendo assim quem organiza a turma é a professora regente, conforme o que é melhor para as particularidades destas. Algumas delas preferem levar livros selecionados previamente, para a sala e deixar que os estudantes façam a escolha lá mesmo. Outras preferem que a escolha seja livre, na biblioteca e os estudantes possam escolher entre os exemplares disponibilizados. É complexo dizer qual a melhor forma, pois cada turma tem seus detalhes e peculiaridades. Dessa forma, as normas organizacionais são seguidas pelas professoras regentes das turmas, pois com a ausência de um profissional qualificado para atuar na biblioteca, acaba havendo diversos casos de desvios de função.

4.4. ADEQUABILIDADE DO ACERVO LITERÁRIO AOS ESTUDANTES E PROFESSORES DO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO

Tratar da biblioteca escolar nos anos iniciais é refletir sobre o primeiro encontro da criança com o universo da palavra escrita, da imaginação e da escuta sensível. É nesse espaço – muitas vezes o primeiro contato com livros fora do ambiente familiar – que se começa a formar não apenas o leitor, mas também o sujeito crítico, sensível e curioso. Para isso, o acervo literário destinado ao 1º e 2º anos do Ensino Fundamental deve ser cuidadosamente selecionado, considerando as especificidades cognitivas, emocionais e linguísticas da infância.

Segundo Zilberman (2003), a literatura infantil não tem apenas uma função lúdica ou de passatempo; ela é uma aliada essencial no processo de construção de sentido, especialmente nos primeiros anos escolares. Isso significa que o acervo deve conter obras que possibilitem a aproximação da criança com textos literários que respeitem sua linguagem, sua forma de ver o mundo e seus interesses.

Autores como Bettelheim (2018, p.16) reforçam que o texto literário tem função simbólica e terapêutica: "Os contos de fadas falam de um modo simbólico à mente inconsciente da criança. Eles ajudam-na a dar sentido a seus conflitos interiores e aos

desafios do mundo que a cerca". Assim, disponibilizar esse tipo de literatura na biblioteca escolar não é um luxo, mas uma necessidade pedagógica e emocional.

O acervo voltado ao 1º e 2º ano deve conter livros com textos curtos, linguagem acessível, repetições rítmicas, estruturas narrativas simples e ilustrações que auxiliem na compreensão do enredo. Campello (2003) destaca que a função educativa da biblioteca só se realiza plenamente quando há um diálogo entre o acervo, os professores e os estudantes, promovendo experiências leitoras significativas. Nesse sentido, o papel do mediador de leitura – professor ou bibliotecário – é essencial para transformar o contato com o livro em uma experiência prazerosa e transformadora.

Como defendem Corrêa *et al.* (2002), o bibliotecário escolar deve ser mais do que um gestor de acervo: deve ser um educador, alguém que media o encontro entre a criança e o livro com afeto, escuta e sensibilidade. É ele quem pode transformar uma simples visita à biblioteca em uma aventura narrativa, despertando o desejo de ler, imaginar e criar. Em concordância, Cunha (2010), ao refletir sobre as bibliotecas escolares no Brasil, afirma que a biblioteca deve ser compreendida como um espaço dinâmico, interativo e encantador. Um lugar onde o leitor iniciante se sinta acolhido, instigado e respeitado em sua jornada de descobertas. E é exatamente isso que se espera de uma biblioteca que atende aos primeiros anos: um espaço que acolha, instigue e respeite a infância.

As obras *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque (1970), *Meu crespo é de rainha*, de bell hooks (2018), *Adivinha quanto eu te amo*, de Sam McBratney (1996), e *Quem tem medo do novo? História de Trancoso*, de Ruth Rocha, são exemplos de textos que apresentam temáticas sensíveis e relevantes à infância, como o enfrentamento dos medos, a valorização da identidade, o afeto familiar e a abertura ao desconhecido. Essas obras contribuem para a construção da autonomia emocional e da empatia, competências fundamentais no processo de ensino e de aprendizagem.

Nesse sentido, a adequabilidade do acervo se revela tanto no conteúdo das obras quanto em sua forma narrativa. Livros como *O velho e a mosca*, de Bel Barcellos, e *Estou sempre mudando*, de Bob Gill, apresentam estruturas que favorecem a leitura compartilhada, a exploração de linguagem poética e o trabalho interdisciplinar com áreas como artes, ciências naturais e educação emocional. Além disso, a presença de ilustrações de qualidade e elementos de humor e fantasia desperta o interesse das crianças e potencializa o trabalho do educador.

Como observa Teresa Colomer (2007, p. 17), "a literatura infantil pode ser uma ferramenta potente para o desenvolvimento da linguagem, do pensamento crítico e da sensibilidade estética, desde que haja intencionalidade pedagógica na sua mediação". Essa mediação depende da familiaridade do professor com os textos, bem como de sua capacidade de articular o conteúdo literário com os objetivos educativos mais amplos.

Do mesmo modo, Abramovich (1997, p. 17) reforça que "ler para uma criança é oferecer a ela a possibilidade de significar o mundo e a si mesma por meio da linguagem simbólica", e por isso, a escolha e o uso consciente dos livros são partes essenciais do ato pedagógico. Nesse contexto, a literatura torna-se não um complemento, mas um eixo central na formação do sujeito leitor e cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o acervo literário infantil da biblioteca de uma escola pública estadual de Erechim/rs, estudando a oferta e adequabilidade deste acervo, aos estudantes de primeiro e segundo ano do ensino fundamental, tendo como base o Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico, leis, documentos oficiais e diversos autores como Abramovich (1997), Colomer (2007) e Zilberman (2003), que destacam a importância de apresentar a literatura às crianças desde cedo, respeitando seus tempos, suas escolhas e suas emoções. Quando a escola oferece um acervo de qualidade, aliado a práticas de leitura sensíveis e significativas, a experiência do livro deixa de ser uma obrigação escolar para se tornar uma fonte de prazer, pertencimento e imaginação.

Mas esse trabalho não se faz sozinho, professores, bibliotecários, gestores e políticas públicas precisam caminhar juntos para garantir que toda criança tenha acesso à leitura como um direito. Leis como a nº 12.244/2010, que exige bibliotecas em todas as instituições de ensino, a nº 13.696/2018, que criou a Política Nacional de Leitura e Escrita, e a recente nº 14.837/2024, que orienta sobre os acervos literários nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, são avanços importantes nesse sentido. Elas mostram que o compromisso com a formação leitora vai além do discurso — ele precisa se traduzir em ações concretas.

A literatura, segundo Antonio Candido (2004), é parte do que nos torna humanos. Ela nos permite sonhar, entender o outro, sentir o mundo com mais profundidade. E é na biblioteca escolar, com seus livros ao alcance das mãos e do coração, que muitas crianças têm a chance de viver essa experiência pela primeira vez. Não se trata apenas de ensinar a ler, mas de oferecer sentidos, histórias e mundos. Concluir este trabalho é também afirmar uma crença: de que toda criança tem o direito de ser leitora. De que toda escola pode, e deve, ser um lugar onde os livros não ficam trancados nas estantes, mas circulam, tocam, emocionam. E de que a biblioteca escolar, quando viva, acolhedora e integrada ao cotidiano pedagógico, pode transformar trajetórias e abrir portas para que cada estudante leia o mundo... e, quem sabe, também o transforme.

Em suma, garantir a adequabilidade do acervo literário para os primeiros anos do Ensino Fundamental é garantir o direito à infância plena, ao encantamento da lei-

tura e à formação de sujeitos críticos e autônomos. Como bem escreveu Antonio Candido (2004), o acesso à literatura é um direito inegável, pois ela humaniza, liberta e dá voz ao sujeito. A biblioteca escolar, portanto, deve ser vista como mais do que um espaço físico: é uma promessa de mundos possíveis. Assim, a adequabilidade do acervo literário infantil aos estudantes e professores se estabelece quando o conjunto de obras disponíveis oferece diversidade temática, riqueza textual e condições para múltiplas formas de abordagem pedagógica. Um acervo bem estruturado, como o exemplificado neste estudo, é uma ferramenta de valorização do trabalho docente e de promoção da formação leitora crítica e sensível.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRELIVROS. **Panorama do PNLD 2023**. Disponível em: <https://www.abrelivros.org.br/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 35. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BITTENCOURT, Zoraia A. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: diálogos teóricos construídos nas ações formativas da UFFS**. 1. Ed. Jundiaí: Paco editorial, 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de bibliotecas nas escolas**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2007/L12.244.htm. Acesso em 10 jun. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011. **Institui o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL)**.

BRASIL. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. **Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE)**.

BRASIL. Lei nº 14.837, de 20 de março de 2024. **Estabelece diretrizes para o acervo literário nas escolas de Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental**.

CADEMARTORI, Lúcia. **Literatura infantil**. 2010. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>. Acesso em: 22 mar. 2025.

CAMPELLO, Bernadete. **A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. Anais <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/ENAN054.pdf>. Acesso em 27 abr. 2025.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORRÊA, Elisa Cristina D. et al. **Bibliotecário escolar: um educador?** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 7, n.1, p. 107-123, 2002.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Murilo B. da. (2010). **Bibliotecas escolares no Brasil: desafios e perspectivas.** Porto Alegre: Editora UFRGS.

DIAS, Luciana da Silva. A literatura infantil como estratégia nas séries iniciais do ensino fundamental. Universidade do Rio Grande do Sul. Alvorada, 2010. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35686/000795186.pdf?sequence=1> . Acesso em 27 abr. 2025.

EDUVIRGES, Joelson Ramos. **A importância da biblioteca escolar para incentivar o hábito da leitura.** 2012. 43 fls. Monografia (Especialização em Formação de Leitores) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Teresina, 2012. em: 27 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Âurelia Lopes; SCHERMA, Camila Caracelli; MAIER, Lidianne Ronsoni; PERON, Lucélia; NEITZEL, Odair; PETRY, Oto João; DAMBROS, Marlei; PASQUALI, Roberta (Orgs.). **A escola e a cidade: políticas públicas educacionais.** Tubarão: Copiart, 2019.

GONÇALVES, Débora Souza Neves. **A importância da leitura nos anos iniciais escolares.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. 2013. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/dsng.pdf>> . Acesso em 27 abr. 2025.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **Literatura infantil e educação infantil: Um grande encontro.** Acervo Digital. UNESP. S/d. Disponível em:
<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/453/4/01d14t10.pdf>. Acesso em 22 mar. 2025.

KRUG, Amélia Siegel. **A biblioteca escolar e sua prática pedagógica.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2012.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PINTO, Ana C. T.; SILVA, Marcos (orgs.). **A escola como espaço de produção de conhecimentos**. 1. Ed. Tubarão: Copiart, 2019.

PINTO, Marinez de Andrade. **Leitura nas séries iniciais**: literatura infantil. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/39643/000825059.pdf>. Acesso em 22 out. 2024.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **A literatura infantil como meio de construção de mundos**. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Bueno. **Representatividade preta nos livros infantis**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/1b2c891b-9476-4614-ae90-69ad690d93aa>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 11. Ed. São Paulo: Global, 2003.